11 - A supremacia feminina no desempenho académico: do qualitativo ao quantitativo

(Análise do concelho de Funchal entre 1994 e 2000)

Alice Mendonça

Resumo

Após décadas de "exclusão" escolar, o género feminino começou a impor-se nos contextos educativos ultrapassando o sexo oposto, quer quantitativa quer qualitativamente.

Esta vantagem das raparigas sobre os rapazes em termos de aproveitamento escolar e consequente prossecução dos estudos, tem vindo a acentuar-se temporalmente assumindo contornos preocupantes, bastante visíveis através das estatísticas oficiais do ensino escolar. Estas, demonstram que a supremacia feminina se faz sentir não só temporalmente mas que acresce à medida que aumentam os ciclos de estudos, atingindo o seu expoente máximo no ensino universitário.

O presente trabalho, efectuado com base nos dados disponíveis relativos ao concelho de Funchal, avalia de que modo este fenómeno afectou cada um dos géneros, no período compreendido entre 1994 e 2000 nos três ciclos que actualmente integram a escolaridade obrigatória. Assim, a análise dos comportamentos perfilhados por cada sexo durante estes ciclos escolares ao longo de seis anos lectivos, permite delinear o perfil evolutivo e diferencial dos percursos escolares masculinos e femininos, mormente no que concerne à progressão e abandono escolares neste espaço insular.

Introdução

Historicamente o desenvolvimento das políticas de instrução obrigatória seguiu um percurso sexualmente desigual e condicionado pela classe social de pertença. Deste modo, há algumas décadas, as filhas dos operários raramente passavam do nível da instrução primária enquanto que a possibilidade de ingresso num curso superior e numa carreira profissional, só era efectivamente possível para as mulheres das classes abastadas.

Contudo, a igualização das oportunidades escolares em ambos os sexos, que se verificou ao longo dos últimos anos, possibilitou a escolarização feminina e o

Em: *Investigar, Avaliar, Descentralizar* – Actas do X Congresso da SPCE (CdRom). Pasta9_Coms_AT5_Cidadania_Igualdade_Justica_em_Educacao. Mesa 40- Género e Ética – Comunicação nº 11. Organização de: Ferreira, Henrique; Sofia Bergano, Graça Santos e Carla Lima. Bragança: SPCE e ESE/IPB, 2009

progressivo ingresso das raparigas em itinerários escolares outrora quase exclusivamente masculinos.

Neste novo cenário, a participação das raparigas tornou-se particularmente visível no espaço escolar, pois além de se tornarem sensivelmente maioritárias, manifestam uma dupla vantagem: mais numerosas e melhor sucedidas nas suas realizações escolares, (Grácio, 1997, pp. 51-52) tal como demonstram as estatísticas oficiais do ensino escolar.

As fontes e as opções metodológicas

Para a apreciação deste fenómeno no concelho de Funchal, procedemos ao levantamento de dois tipos de fontes: os Recenseamentos de 1991 e 2001 que permitiram o apuramento dos indicadores do estado desta população, nomeadamente a sua dimensão, estrutura e delimitação espacial e ainda a base de dados da Direcção Regional de Planeamento e Recursos Educativos que contemplava todas as escolas do concelho, durante os anos lectivos compreendidos entre 1994 e 2000, relativamente ao número de alunos matriculados, aprovados e retidos, em cada ano de escolaridade, discriminando o sexo, as transferências e as saídas do sistema escolar.

Este último suporte de informação, espacial e anualmente desagregada[1] à data da sua recolha, manifestou-se a fonte privilegiada para encetar o presente estudo, visto possibilitar o seu tratamento e análise.

Os dados referentes a este período cronológico que nos propusemos estudar, particularizavam a situação deste concelho, especificando as escolas e níveis de ensino, relativamente a matrículas, transferências, aprovações, reprovações e ainda *saídas*[2] do sistema escolar.

Embora nas *saídas* se incluíssem[3] situações distintas, tais como óbitos, deslocação para o Continente português, emigração e ainda o próprio abandono escolar registado nas Comissões de Menores, a impossibilidade de desagregar estes dados, condicionou-nos a utilizá-los como sinónimo de abandono escolar, visto que quer as deslocações para o Continente, quer os óbitos ou mesmo a emigração, apresentavam valores bastante reduzidos.[4] Por outro lado, a nossa deslocação ao Tribunal de Menores, ao confrontar-nos com números consideráveis de processos envolvendo situações de abandono escolar sugeriram-nos que as *saídas* traduziam com maior frequência o abandono escolar, inversamente às outras três situações (deslocações para o Continente, óbitos e emigração) aspecto que se revelou decisivo na opção pela metodologia que

[1] À excepção do item *saídas do sistema*.

[2] Estas incluem óbitos, emigração, deslocações para o continente português e abandono escolar registado nas Comissões de Menores.

[3] De acordo com a indicação constante na nota de rodapé da base de dados.

[4] Para estas situações consultámos as Estatísticas Demográficas referentes à Emigração e à Mortalidade, cujos valores eram pouco significativos quando comparados com o abandono escolar. Embora conscientes da margem de erro em que incorremos, pareceu-nos ser esta a metodologia mais adequada face à inexistência de alternativas susceptíveis de suprir esta lacuna.

Em: *Investigar, Avaliar, Descentralizar* – Actas do X Congresso da SPCE (CdRom). Pasta9_Coms_AT5_Cidadania_Igualdade_Justica_em_Educacao. Mesa 40- Género e Ética – Comunicação nº 11. Organização de: Ferreira, Henrique; Sofia Bergano, Graça Santos e Carla Lima. Bragança: SPCE e ESE/IPB, 2009

decidimos utilizar e que, como já referimos, consistiu em tratar os valores das *saídas* como *abandonos*.

Uma vez que esta base de dados foi constituída mediante o preenchimento manuscrito de um inquérito por parte de cada estabelecimento de ensino da Região[5], encetámos o contacto directo com algumas escolas para avaliar da eficiência deste procedimento. Concluímos então que esta incumbência se pautou por critérios distintos; enquanto alguns Directores Executivos incluíram nas estatísticas das reprovações os alunos que deixaram de frequentar a escola no decorrer de um ano lectivo, por se encontrarem abrangidos pela escolaridade obrigatória e consequentemente não poderem sair do sistema, outros optaram por colocá-los na rubrica das *saídas do sistema*.

Esta constatação permitiu depreender que os valores das reprovações não se limitaram a incluir apenas os alunos que frequentaram a escola e não obtiveram aproveitamento, mas também aqueles que não foram avaliados por falta de assiduidade (quer se tratasse de abandono pontual ou definitivo) e devido a este facto não transitaram.

Face a este cenário, as margens de erro na análise destes dois indicadores - saídas do sistema (abandono escolar) e reprovações - são uma realidade que não pode ser obviada. Não obstante, consideramos que os dados disponíveis são susceptíveis de, com maior ou menor fidedignidade, facultarem uma panorâmica da realidade escolar funchalense durante este período, no que concerne ao comportamento manifesto por cada género.

Metodologicamente, começamos por proceder ao cômputo da aprovação, da retenção e do abandono escolares, em valores absolutos e relativos que serão apresentados em quatro tabelas, que se reportam respectivamente a cada um dos três ciclos e à situação global de todos eles, no que concerne à evolução do número de alunos matriculados,[6] no concelho de Funchal, segundo o sexo, ano lectivo e ciclo de estudos. Além destes indicadores, as tabelas contemplam ainda todos os alunos que abandonaram o sistema de ensino, progrediram e reprovaram, assim como as respectivas taxas. Estas pautaram-se pelos seguintes critérios:

TP = Taxa de progressão

$$TP = \frac{P}{NI}.100$$

onde:

P = Número de alunos que progrediram

NI = Número de alunos inscritos

[5] Região Autónoma da Madeira.
[6] Após a realização do saldo das transferências.

Em: *Investigar, Avaliar, Descentralizar* – Actas do X Congresso da SPCE (CdRom). Pasta9_Coms_AT5_Cidadania_Igualdade_Justica_em_Educacao. Mesa 40- Género e Ética – Comunicação nº 11. Organização de: Ferreira, Henrique; Sofia Bergano, Graça Santos e Carla Lima. Bragança: SPCE e ESE/IPB, 2009

TR = Taxa de reprovação

$$TR = \frac{R}{NI}.100$$

onde:

R= Número de alunos reprovados

NI = Número de alunos inscritos

TAb = Taxa de abandono

$$TAb = \frac{Ab}{NI}.100$$

onde:

TAb = Número de alunos que saíram do sistema

NI = Número de alunos inscritos

Todavia, não queremos deixar de realçar que os indicadores – reprovação e progressão – assentam em critérios de mensuração que, não obstante a uniformização de currículos, não significam necessariamente a aplicação de critérios de exigência iguais. Assim, a validade e a subjectividade destes indicadores poderá ser equacionada, porquanto é variável face às exigências de cada professor, às necessidades do sistema, à especificidade social de cada contexto e mesmo de cada aluno. Ou seja, podemos equacionar até que ponto se reveste de objectividade uma comparação de rendimentos escolares. Por outro lado, não podemos deixar de referir que a taxa de reprovação constitui também um indicador grosseiro para medir o rendimento escolar, uma vez que neste caso, nos oculta a qualidade do (in)sucesso.

Outro aspecto relevante a considerar é o facto de cada ano lectivo se iniciar com um número x de alunos matriculados, onde se incluem aqueles que tendo aprovado continuam a proceder à sua inscrição e ainda aqueles que, não tendo aprovado, continuam a realizar a sua inscrição no mesmo ano curricular. Assim, embora detalhados, os nossos dados não referem as situações de repetência, pelo que temos de considerar todos os alunos como tendo efectuado a sua matrícula pela primeira vez. Ou seja, o nosso NI contempla quer os alunos repetentes, quer aqueles que se inscreveram pela primeira vez num determinado ano lectivo.

Em: *Investigar, Avaliar, Descentralizar* – Actas do X Congresso da SPCE (CdRom). Pasta9_Coms_AT5_Cidadania_Igualdade_Justica_em_Educacao. Mesa 40- Género e Ética – Comunicação nº 11. Organização de: Ferreira, Henrique; Sofia Bergano, Graça Santos e Carla Lima. Bragança: SPCE e ESE/IPB, 2009

Embora os conceitos de *repetência*[7] e *reprovação*[8] sejam conceptualmente distintos, o facto da nossa fonte não especificar quais os alunos que se matricularam na condição de repetentes e o propósito de evitar o uso repetitivo de vocábulos, nortearam a nossa opção pela utilização das duas terminologias com sentido de equivalência.

Deste modo, ao longo do texto, a *repetência*, a *reprovação* e ainda o *insucesso escolar* são utilizados reportando-se à mesma realidade, ou seja, aos alunos que não obtiveram aproveitamento no final de um ano lectivo.

Uma vez que a distribuição do sucesso e do abandono escolar[9] não se apresenta igual em ambos os sexos, considerámos pertinente destacar, em dois gráficos, o comportamento de cada um deles. Mediante a adopção de uma metodologia idêntica para ambos os fenómenos, com a desagregação dos dados por nível de estudos, ano lectivo e sexo, as eventuais discrepâncias de género face a este problema adquirem uma visibilidade global.

Por outro lado, o contacto com alunos vitimados por sucessivas reprovações conduziu-nos à realização de um estudo etnográfico, complementar da análise estatística. Ou seja, não nos limitámos a saber *quantos reprovam e abandonam a escola,* mas a complementar estes dados com a questão *por que reprovam e abandonam a escola.*

Análise dos dados estatísticos

TABELA 1 – SITUAÇÃO ESCOLAR DO CONCELHO DE FUNCHAL NO 1º CICLO (1994/2000)

ANOS LECTIVOS	ALUNOS MATRICULADOS		SAÍDA DO SISTEMA	%	PROGRESSÃO	%	RETENÇÃO	%
1994/1995	FEMININO	3682	38	1.0	3288	89.3	356	9.7
	MASCULINO	4136	64	1.5	3475	84.0	597	14.4
	TOTAL	7818	102	1.3	6763	86.5	953	12.2
1995/1996	FEMININO	3590	25	0.7	3216	89.6	349	9.7
	MASCULINO	3955	27	0.7	3344	84.6	584	14.8
	TOTAL	7545	52	0.7	6560	86.9	933	12.4
1996/1997	FEMININO	3572	17	0.5	3225	90.3	330	9.2
	MASCULINO	3910	25	0.6	3361	86.0	524	13.4

[7] A repetência refere-se à inscrição de um aluno na condição de repetente.
[8] A reprovação reporta-se à situação escolar de não progressão de um aluno, obtida no final de um ano lectivo.
[9] Consideramos que o abandono escolar também constitui uma forma de insucesso.

Em: *Investigar, Avaliar, Descentralizar* – Actas do X Congresso da SPCE (CdRom). Pasta9_Coms_AT5_Cidadania_Igualdade_Justica_em_Educacao. Mesa 40- Género e Ética – Comunicação nº 11. Organização de: Ferreira, Henrique; Sofia Bergano, Graça Santos e Carla Lima. Bragança: SPCE e ESE/IPB, 2009

	TOTAL	7482	42	0.6	6586	88.0	854	11.4
1997/1998	**FEMININO**	3444	14	0.4	3127	90.8	303	8.8
	MASCULINO	3746	36	1.0	3217	85.9	493	13.2
	TOTAL	7190	50	0.7	6344	88.2	796	11.1
1998/1999	**FEMININO**	3353	5	0.1	3001	89.5	347	10.4
	MASCULINO	3575	18	0.5	3060	85.6	497	13.9
	TOTAL	6928	23	0.3	6061	87.5	844	12.2
1999/2000	**FEMININO**	3346	16	0.5	2989	89.3	341	10.2
	MASCULINO	3555	15	0.4	3017	84.9	523	14.7
	TOTAL	6901	31	0.4	6006	87.0	864	12.5

A apreciação da Tabela 1 permite-nos constatar que o cômputo total do volume de alunos inscritos no 1º ciclo ao longo deste período no concelho de Funchal decresceu de forma gradual e sistemática. Deste modo, enquanto que no ano lectivo de 1994/95 se encontravam matriculados neste ciclo 7818 alunos, o número diminuiu para 6901 em 1999/2000, o que em termos absolutos representou uma perda de 917 alunos. Ou seja, o 1º ciclo perdeu 11,7 % da sua população.

No que concerne às matrículas, o volume de rapazes inscritos apresentou um volume sistematicamente superior ao das raparigas, demonstrando que a relação de masculinidade se patenteou neste ciclo.[10]

Embora com valores inconstantes entre cada ano lectivo, as saídas do sistema registaram no ano inicial um valor bastante elevado (102 alunos) que se reduziu nos anos seguintes. Contudo, embora apresentando taxas inferiores à do ano inicial, a incidência do abandono escolar foi predominantemente masculina, com valores que em alguns anos duplicaram os do género feminino. Note-se a este propósito que não deixa de ser extremamente preocupante o facto de o abandono escolar penalizar o ciclo inicial, assim como a incapacidade manifesta do sistema educativo no sentido de debelar este flagelo.

Em termos globais, o aumento da retenção foi pouco significativo durante o período em estudo, com taxas que acresceram de 12.2 % para 12.5 %.

Por outro lado, a incidência do insucesso escolar no sexo masculino, demonstrou de forma inequívoca, que a predisposição e motivação escolar dos rapazes é inferior à das raparigas.

[10] A relação de masculinidade nos nascimentos é de cerca de 105. Ou seja, por cada 100 raparigas nascem 105 rapazes.

Em: *Investigar, Avaliar, Descentralizar* – Actas do X Congresso da SPCE (CdRom). Pasta9_Coms_AT5_Cidadania_Igualdade_Justica_em_Educacao. Mesa 40- Género e Ética – Comunicação nº 11. Organização de: Ferreira, Henrique; Sofia Bergano, Graça Santos e Carla Lima. Bragança: SPCE e ESE/IPB, 2009

TABELA 2 – SITUAÇÃO ESCOLAR DO CONCELHO DE FUNCHAL NO 2º CICLO (1994/2000)

ANOS LECTIVOS	ALUNOS MATRICULADOS		SAÍDA DO SISTEMA	%	PROGRESSÃO	%	RETENÇÃO	%
1994/1995	FEMININO	1902	15	0.8	1800	94.6	87	4.6
	MASCULINO	2108	25	1.2	1844	87.5	239	11.3
	TOTAL	4010	40	1.0	3644	90.9	326	8.1
1995/1996	FEMININO	1930	15	0.8	1803	93.4	112	5.8
	MASCULINO	2088	18	0.9	1802	85.3	268	12.8
	TOTAL	4018	33	0.8	3605	39.7	380	9.5
1996/1997	FEMININO	1916	23	1.2	1731	90.3	162	8.5
	MASCULINO	2030	14	0.7	1688	83.2	328	16.2
	TOTAL	3946	37	0.9	3419	86.6	490	12.4
1997/1998	FEMININO	1849	10	0.5	1619	87.6	220	11.9
	MASCULINO	2038	28	1.4	1650	81.0	360	17.7
	TOTAL	3887	38	1.0	3269	84.1	580	14.9
1998/1999	FEMININO	1924	28	1.5	1713	89.0	183	9.5
	MASCULINO	2168	25	1.2	1770	81.6	373	17.2
	TOTAL	4092	53	1.3	3483	85.1	556	13.6
1999/2000	FEMININO	1880	30	1.6	1649	87.7	201	10.7
	MASCULINO	2042	35	1.7	1599	78.3	408	20.0
	TOTAL	3922	65	1.7	3248	82.8	609	15.5

O 2º ciclo manteve uma tendência do decréscimo do volume de população escolar, embora os valores apresentados fossem pouco significativos. Aqui, a perda de

Em: *Investigar, Avaliar, Descentralizar* – Actas do X Congresso da SPCE (CdRom). Pasta9_Coms_AT5_Cidadania_Igualdade_Justica_em_Educacao. Mesa 40- Género e Ética – Comunicação nº 11. Organização de: Ferreira, Henrique; Sofia Bergano, Graça Santos e Carla Lima. Bragança: SPCE e ESE/IPB, 2009

alunos, menos acentuada do que no 1º ciclo, cifrou-se nestes seis anos em 2.2 % (Cf. Tabela 2).

As saídas do sistema escolar, que no 1º ciclo eram bastante reduzidas surgiram no 2º ciclo bastante mais acentuadas e com um agravamento que se fez sentir no último ano em estudo, visto que 1.7 % dos alunos abandonou a escola. Contudo, embora a taxa de abandono fosse neste ciclo mais elevada do que no inicial, em termos absolutos o número de alunos em situação de abandono no 2º ciclo foi inferior ao número registado no 1º ciclo.[11]

Ambos os fenómenos – retenção e abandono escolar – atingiram de forma mais intensa os rapazes e no caso da retenção a taxa do sexo masculino duplicou mesmo o valor apresentado pelo sexo oposto. Ou seja, a discrepância de sucesso entre os géneros, já notória no ciclo inicial, acentuou-se no 2º ciclo.

TABELA 3 – SITUAÇÃO ESCOLAR DO CONCELHO DE FUNCHAL NO 3º CICLO (1994/2000)

ANOS LECTIVOS	ALUNOS MATRICULADOS		SAÍDA DO SISTEMA	%	PROGRESSÃO	%	RETENÇÃO	%
1994/1995	FEMININO	3354	81	2.4	2966	88.4	307	9.2
	MASCULINO	3137	94	3.0	2567	81.8	476	15.2
	TOTAL	6491	175	2.7	5533	85.2	783	12.1
1995/1996	FEMININO	3114	51	1.6	2647	85.0	416	13.4
	MASCULINO	3040	82	2.7	2417	79.5	541	17.8
	TOTAL	6154	133	2.2	5064	82.3	957	15.6
1996/1997	FEMININO	3168	69	2.2	2723	86.0	373	11.8
	MASCULINO	2959	91	3.1	2402	81.2	466	15.7
	TOTAL	6127	160	2.6	5125	83.6	839	13.7
1997/1998	FEMININO	3044	59	1.9	2505	82.3	480	15.8
	MASCULINO	2995	89	3.0	2301	76.8	605	20.2
	TOTAL	6039	148	2.5	4806	79.6	1085	18.0
1998/1999	FEMININO	3004	71	2.4	2558	85.2	375	12.4
	MASCULINO	3004	123	4.1	2348	78.2	533	17.7
	TOTAL	6008	194	3.2	4906	81.7	908	15.1

[11] Tal facto deve-se à circunstância de o contingente escolar do 2º ciclo ser menor porquanto contempla apenas dois anos curriculares.

Em: *Investigar, Avaliar, Descentralizar* – Actas do X Congresso da SPCE (CdRom). Pasta9_Coms_AT5_Cidadania_Igualdade_Justica_em_Educacao. Mesa 40- Género e Ética – Comunicação nº 11. Organização de: Ferreira, Henrique; Sofia Bergano, Graça Santos e Carla Lima. Bragança: SPCE e ESE/IPB, 2009

1999/2000	**FEMININO**	2772	71	2.6	2221	80.1	480	17.3
	MASCULINO	2827	140	5.0	2067	73.1	620	21.2
	TOTAL	5599	211	3.8	4288	76.6	1100	19.6

A Tabela 3 referente ao 3º ciclo demonstra que também aqui a população escolar registou um decréscimo nos seus efectivos. De 6491 alunos inscritos no ano lectivo 1994/95, passou-se para 5599 em 1999/2000, o que representou uma diminuição de 13.7 % neste contingente escolar

Neste ciclo, as saídas do sistema foram mais expressivas do que nos anteriores. Assim, além de nos depararmos com uma taxa de abandono cujos valores oscilaram entre 2,7 % e 3,8 %, foi ainda possível constatar que este fenómeno se agravou nos dois últimos anos lectivos em estudo (1998/99 e 1999/2000). Contudo, em todos os anos lectivos que analisámos, os rapazes detiveram a primazia no abandono escolar, donde se depreende que a motivação para a frequência escolar foi mais intensa no sexo feminino. Aliás, a realidade perspectivada mediante o recurso a entrevistas, demonstrou que os rapazes preferiam o ingresso precoce no mundo do trabalho à permanência na escola. Deste modo, desprovidos de habilitações académicas, detêm ocupações de carácter geralmente precário, onde a dispensa de qualquer qualificação profissional é consonante com a remuneração auferida.

Podemos então concluir que as saídas no 3º ciclo se destacaram dos ciclos anteriores, devido ao volume significativo que manifestaram. Daqui se depreende que o 3º ciclo se constituiu como o mais selectivo, porquanto "excluiu" do sistema educativo os alunos menos motivados e/ou menos empenhados e, de acordo com a Tabela 3, a "exclusão" recaiu no sexo masculino.

A predominância do abandono e da retenção por parte do sexo masculino expressou-se no número de rapazes inscritos no 3º ciclo onde apenas no último ano em análise o volume de rapazes matriculados excedeu o das raparigas.

Posto isto, facilmente se depreende que a sobrevivência escolar masculina foi inferior à do sexo oposto. Assim, o 3º ciclo foi duplamente dominado pelo sexo feminino, quer através do seu volume populacional quer mediante os valores que apresentou face ao sucesso escolar.

TABELA 4 – SITUAÇÃO ESCOLAR GLOBAL DO CONCELHO DE FUNCHAL NO TOTAL DA ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA (1994/2000)

ANOS LECTIVOS	ALUNOS MATRICULADOS		SAÍDA DO SISTEMA	%	PROGRESSÃO	%	RETENÇÃO	%
1994/1995	**FEMININO**	8937	134	1.5	8054	90.1	750	8.4

Em: *Investigar, Avaliar, Descentralizar* – Actas do X Congresso da SPCE (CdRom). Pasta9_Coms_AT5_Cidadania_Igualdade_Justica_em_Educacao. Mesa 40- Género e Ética – Comunicação nº 11. Organização de: Ferreira, Henrique; Sofia Bergano, Graça Santos e Carla Lima. Bragança: SPCE e ESE/IPB, 2009

	MASCULINO	9381	183	2.0	7886	84.1	1312	14.0
	TOTAL	18319	317	1.7	15940	87.0	2062	11.3
1995/1996	**FEMININO**	8634	91	1.1	7666	88.8	877	10.1
	MASCULINO	9083	127	1.4	7563	83.3	1393	15.3
	TOTAL	17717	218	1.2	15229	79.5	2270	12.8
1996/1997	**FEMININO**	8656	109	1.3	7679	88.7	865	10.0
	MASCULINO	8899	130	1.5	7451	83.7	1318	14.8
	TOTAL	17555	239	1.4	15130	86.2	2183	12.4
1997/1998	**FEMININO**	8337	83	1.0	7250	87.0	1003	12.0
	MASCULINO	8779	153	1.7	7168	81.6	1458	16.6
	TOTAL	17116	236	1.4	14419	84.2	2461	14.4
1998/1999	**FEMININO**	8281	104	1.3	7272	87.8	905	10.9
	MASCULINO	8747	166	1.9	7178	82.1	1403	16.0
	TOTAL	17028	270	1.6	14450	84.9	2308	13.6
1999/2000	**FEMININO**	7998	117	1.5	6859	85.7	1022	12.8
	MASCULINO	8424	190	2.3	6683	79.3	1551	18.4
	TOTAL	16422	307	1.9	13542	82.5	2573	15.7

Após a avaliação específica da situação escolar vivenciada pelos alunos em cada um dos ciclos da escolaridade obrigatória no concelho de Funchal, torna-se pertinente analisar a Tabela 4, porquanto faculta uma panorâmica generalizada do comportamento desta população escolar e permite extrair algumas conclusões. Nomeadamente:

i) o número de alunos matriculados diminuiu gradualmente;

ii) o volume de rapazes inscritos apresentou-se superior ao das raparigas (por influência da relação de masculinidade ainda patente no 1º e 2º ciclos);

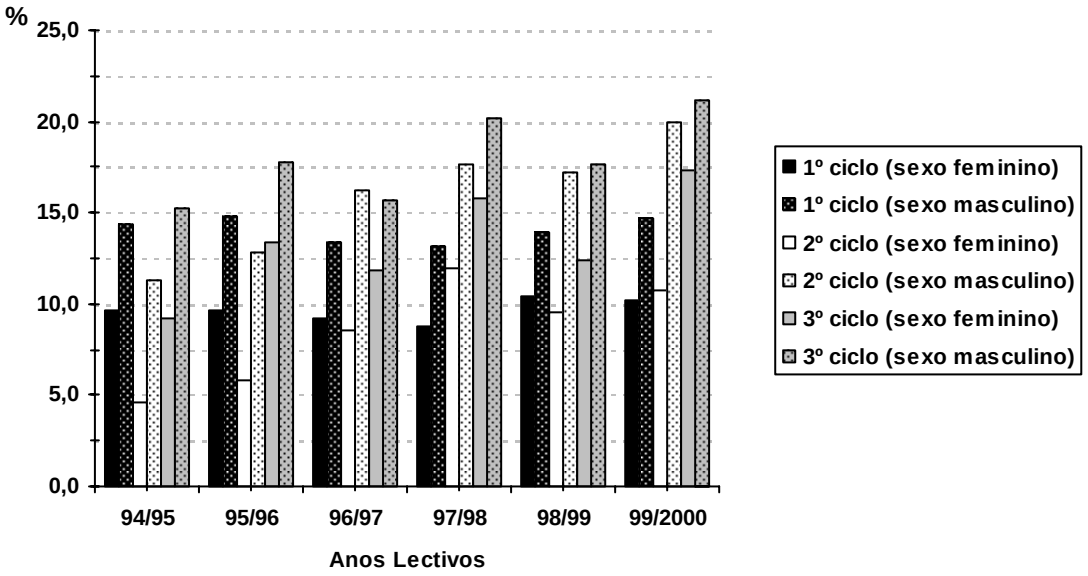
iii) as saídas do sistema escolar agravaram-se nos dois últimos anos em estudo, respectivamente, 1998/99 e 1999/2000 e incidiram preferencialmente no sexo masculino;

iv) a taxa de retenção agravou-se no último ano lectivo em estudo (1999/2000) e penalizou de forma mais intensa o género masculino.

Em: *Investigar, Avaliar, Descentralizar* – Actas do X Congresso da SPCE (CdRom). Pasta9_Coms_AT5_Cidadania_Igualdade_Justica_em_Educacao. Mesa 40- Género e Ética – Comunicação nº 11. Organização de: Ferreira, Henrique; Sofia Bergano, Graça Santos e Carla Lima. Bragança: SPCE e ESE/IPB, 2009

GRÁFICO 1 – EVOLUÇÃO DA RETENÇÃO NA ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA NO CONCELHO DE FUNCHAL, CONSOANTE OS SEXOS, CICLO E ANO LECTIVO

(1994 – 2000)



Relativamente à repetência, o Gráfico 1 permitiu concluir que em todos os ciclos e anos lectivos os rapazes foram mais penalizados pelo insucesso escolar, assinalando assim de forma significativa a diferença patente nos desempenhos académicos de cada um dos géneros.

Assim, ao longo da escolaridade, o perfil do aproveitamento acusa quebras sensíveis no início de cada ciclo de estudos, o que segundo Grácio, (1997, pp.51-52) " sugere um desfavorecimento dos rapazes (…) quando as dificuldades de aprendizagem são maiores e acompanhadas da transição para um universo social diferente. "

De acordo com esta constatação, não podemos surpreender-nos com o facto de o insucesso escolar masculino ter continuado a apresentar valores mais significativos do que os do feminino em todos os ciclos.

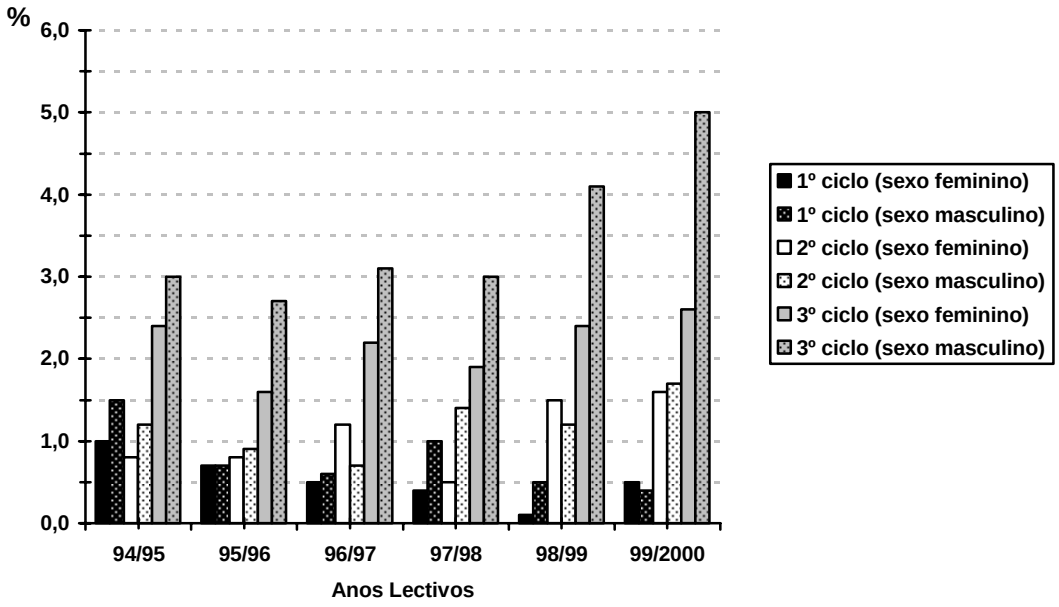
Perante estas análises, podemos concluir que se o insucesso escolar gera novos insucessos, é plausível que os rapazes que tiveram esta experiência no 1º ciclo, tenham sido novamente vitimados nos ciclos seguintes.

Em: *Investigar, Avaliar, Descentralizar* – Actas do X Congresso da SPCE (CdRom). Pasta9_Coms_AT5_Cidadania_Igualdade_Justica_em_Educacao. Mesa 40- Género e Ética – Comunicação nº 11. Organização de: Ferreira, Henrique; Sofia Bergano, Graça Santos e Carla Lima. Bragança: SPCE e ESE/IPB, 2009

Assim, o cômputo geral do concelho de Funchal demonstra-nos que em todos os ciclos e anos lectivos as taxas de insucesso escolar dos rapazes foram mais elevadas do que as das raparigas e em alguns casos os seus valores conseguiram mesmo duplicar os do sexo oposto.

GRÁFICO 2 – EVOLUÇÃO DA RETENÇÃO NA ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA NO CONCELHO DE FUNCHAL, CONSOANTE OS SEXOS, CICLO E ANO LECTIVO

(1994 – 2000)



Também o abandono escolar, tendencialmente incidente no sexo masculino se agravou duplamente: quer na transição para o ciclo seguinte, quer ao longo do período considerado. Deste modo, as saídas do sistema bastante oscilantes entre cada ano lectivo e ciclo atingiram os valores mais elevados no último ciclo da escolaridade obrigatória e incidiram no sexo masculino.

Linhas Conclusivas

Uma vez que estes dois fenómenos – insucesso e abandono escolar – se afiguraram predominantemente masculinos, torna-se imperativo tecer algumas considerações complementares para a explicação desta ocorrência. Assim, além das

Em: *Investigar, Avaliar, Descentralizar* – Actas do X Congresso da SPCE (CdRom). Pasta9_Coms_AT5_Cidadania_Igualdade_Justica_em_Educacao. Mesa 40- Género e Ética – Comunicação nº 11. Organização de: Ferreira, Henrique; Sofia Bergano, Graça Santos e Carla Lima. Bragança: SPCE e ESE/IPB, 2009

disparidades sócio-económicas que caracterizam os alunos, o factor género consegue também condicionar, em maior ou menor grau, os desempenhos académicos.

Para Grácio, (1997, p.61) "é provável que certos recursos do sistema de disposições das raparigas, como a maior estabilidade motora, o maior auto controlo e autonomia, lhes permitam quer trabalhar melhor nas tarefas escolares como serem mais apreciadas pelos professores," o que significa que a primeira socialização, além de ser favorável às suas realizações escolares, faculta ainda incitações eventualmente favoráveis àquelas realizações.

A diferença comportamental manifesta por cada um dos sexos foi também ilustrada por Baudelot e Establet (s.d., pp.110-111), no estudo que efectuaram sobre os jogos de crianças no recreio da escola. Concluíram então que os rapazes agem com um mínimo de regras e um máximo de barulho, ocupando o máximo de espaço e mobilizando um grande número de parceiros, enquanto as raparigas ocupam economicamente o espaço, com o máximo de regras e um pequeno número de parceiros.

Por outro lado, o prolongamento destes comportamentos no contexto da sala de aulas beneficia o sexo feminino, visto que o domínio de todo o conjunto das interacções, que incluem entre outros, os trabalhos de grupo, lhes permite tirar melhor partido das aprendizagens escolares (Felouzis referido por Grácio, 1997, p. 62).

Também a tradicional definição do género masculino, intrínseca à valorização física e a todas as condutas associadas, nomeadamente a turbulência e a agressividade, compõem uma relação menos favorável às exigências das aprendizagens escolares, ao mesmo tempo que sugerem um consequente prolongamento negativo no quadro escolar, quando não se relacionam com um capital cultural familiar elevado (Grácio, 1997, p. 72).

Contudo, não podemos imputar o baixo sucesso escolar dos rapazes apenas aos factores genéticos, pois as influências do ambiente social, tanto em casa como na escola afectam inúmeros aspectos, donde destacamos o desenvolvimento da linguagem, a capacidade de leitura, as capacidades motoras finas e ainda os níveis de concentração. As dificuldades sentidas nestas áreas, fruto da conjugação de inúmeros factores, aumentam assim a probabilidade de os rapazes se tornarem agressivos, frustrados ou mal – comportados.

Do lado das raparigas, existe a tendência geral para um acentuado investimento escolar relacionado com uma maior concentração nas tarefas.

Segundo Macmillan (2005, p. 110), os rapazes além de evidenciarem maior tendência para problemas de comportamento que as raparigas, apresentam actualmente um atraso a todos os níveis, em quase todas a matérias escolares, assim como um desinteresse em continuar a estudar.

Pesquisas recentes efectuadas em Inglaterra revelaram ainda que os rapazes são mais infelizes na escola, não fazem os trabalhos de casa, comportam-se mal ou faltam às aulas duas vezes mais que as raparigas (Macmillan, 2005, p.113). Segundo este autor (2005, p. 15), a testosterona é a responsável pelo ritmo diferenciado do desenvolvimento do cérebro masculino, pelo que comportamentos como a delinquência, a agressividade, as variações súbitas de humor ou os comportamentos irresponsáveis,

Em: *Investigar, Avaliar, Descentralizar* – Actas do X Congresso da SPCE (CdRom). Pasta9_Coms_AT5_Cidadania_Igualdade_Justica_em_Educacao. Mesa 40- Género e Ética – Comunicação nº 11. Organização de: Ferreira, Henrique; Sofia Bergano, Graça Santos e Carla Lima. Bragança: SPCE e ESE/IPB, 2009

entre outros, são mais comuns nos rapazes. Se atendermos a que os níveis de testosterona são susceptíveis de variar até 50,0 % no mesmo dia, podemos concluir que o sexo masculino se encontra mais exposto a comportamentos inconstantes.

Deste modo, é na confluência entre os factores ou situações ambientais e as influências hormonais que encontramos a origem e explicação para determinados tipos de comportamento. Ou seja, as circunstâncias sociais, económicas e culturais, a qualidade da relação com os pais, o estatuto social entre amigos, bem como o nível de competitividade ou conflito, além de terem influência nos níveis de testosterona influenciam os comportamentos (Macmillan, 2005, p.151) e consequentemente os desempenhos académicos.

Assim, um rapaz não consegue lidar tão bem como uma rapariga da mesma idade, com as pressões sociais, os estímulos instintivos e outras situações emocionais, razão pela qual muitas das suas atitudes são movidas quer por sugestibilidade, quer por puro impulso.

A própria sociedade estabelece estereótipos para cada um dos géneros. Enquanto as raparigas são consideradas como mais faladoras e mais emotivas, aos rapazes atribuem-se características como a valentia e a coragem e estabelece-se que não devem chorar. É também em conformidade com as características inatas a cada género que os comportamentos assumem características distintas. Assim, os jogos físicos violentos são bastante mais frequentes entre os rapazes que passam uma parte significativa dos seus tempos livres mais envolvidos em actividades competitivas de grupo como o futebol.

Porém, enquanto os estereótipos do género feminino têm vindo a alterar-se rapidamente, os do género masculino ainda se mantêm arreigados ao passado. Os próprios rapazes procuram a imagem que se supõe corresponder à masculinidade e muitos dos aspectos que moldam o seu comportamento masculino resultam da observação (reparam nas actividades dos indivíduos do mesmo sexo, no comportamento dos amigos) e interacção com o ambiente envolvente (exposição a valores transmitidos pelos pais e amigos). Deste modo, para os rapazes, correr riscos ou integrar o mundo do trabalho advém da necessidade de estabelecer domínio sobre grupos de outros rapazes, para desse modo obterem determinado estatuto social.

À medida que os jovens vão tentando desenvolver a sua identidade, a dependência dos pais dá lugar a um novo tipo de dependência: a dos amigos. É aqui que as influências se sucedem numa linha competitiva, onde a encruzilhada entre o mundo do trabalho e o mundo escolar se coloca aos rapazes economicamente desfavorecidos, cujo quotidiano se desenrola num contexto familiar onde a escola surge desvalorizada face ao trabalho que se afigura apetecível, porquanto permite o acesso imediato a inúmeros bens.

Os conflitos familiares, a fragilidade de laços afectivos com a família, o tipo de amigos, a deficiente integração social e ainda o mau aproveitamento na escola, constituem também factores que na globalidade afectam mais os rapazes. Deste modo, a sua ansiedade pode traduzir-se em atitudes que são a resposta a estes conflitos, originando reacções negativas e comportamentos desviantes de intensidade crescente, onde as atitudes agressivas (físicas ou verbais) que muitas vezes adoptam, provocam a sua exclusão social no seio das instituições escolares.

Em: *Investigar, Avaliar, Descentralizar* – Actas do X Congresso da SPCE (CdRom). Pasta9_Coms_AT5_Cidadania_Igualdade_Justica_em_Educacao. Mesa 40- Género e Ética – Comunicação nº 11. Organização de: Ferreira, Henrique; Sofia Bergano, Graça Santos e Carla Lima. Bragança: SPCE e ESE/IPB, 2009

Uma das Escolas Básicas e Secundárias onde nos deslocámos possuía um Quadro de Honra afixado no recinto de entrada da escola. Cada um dos anos de escolaridade transactos ostentava as fotos dos quinze melhores alunos. Contudo, uma apreciação atenta permitiu constatar que em cada ano lectivo, num total de quinze alunos cerca de dez eram do sexo feminino. Tal facto é elucidativo da discrepância de aproveitamento entre os géneros e testemunho da vantagem das raparigas face ao sexo oposto.

Outro contraste que se alcançou através da análise dos diálogos encetados prende-se com a disparidade dos comportamentos entre as raparigas e os rapazes. Ou seja, as raparigas têm melhores notas e faltam menos às aulas.

As nossas entrevistas permitiram apurar que no sexo masculino o desinteresse académico se manifestava desde cedo e que o absentismo era uma situação comum e vivenciada em grupo. A este propósito, um dos nossos inquiridos referiu que o absentismo das raparigas apenas foi notório no 7º ano de escolaridade.

"(…) faltávamos mais às aulas por causa das raparigas…faltávamos às vezes com elas, No 7º ano as raparigas já faltavam."

Uma vez que estas se identificam mais com as aprendizagens escolares do que os rapazes, tal facto reflecte-se no seu rendimento escolar, que é superior ao do sexo oposto. Face a esta constatação, não podemos excluir as configurações sociais que enformam a divisão sexual das tarefas e responsabilidades. Assim, o quadro ideológico que define o papel de ambos os sexos relativamente ao trabalho, exerce uma pressão maior sobre os indivíduos do sexo masculino, já que é aos homens que se atribui a responsabilidade de garantir o sustento da família. Circunstância que leva significativo número de rapazes a minimizar o papel da escola e a abandonar precocemente os estudos para ingressar no mercado de trabalho. O esquema normativo que permite às mulheres uma posição de dependência em relação ao trabalho dos homens acaba por permitir que as raparigas tirem maior proveito da sua passagem pela escola e venham a obter níveis mais elevados de capital escolar.

Constatámos ainda que o insucesso e o abandono escolares penalizaram sobretudo os alunos oriundos de meios sociais, económicos e culturalmente desfavorecidos pois nos seus discursos depreendeu-se que vivem na ansiedade de adquirir certas roupas e frequentar determinados lugares. Para concretizar tais desejos precisam do seu próprio dinheiro, o que os encaminha precocemente para o mercado de trabalho e os afasta definitivamente da escola. Aliás, é muitas vezes a própria escola que promove o espírito consumista, pois a subtileza das comparações que se geram entre os bens ostentados, incentivam os alunos mais pobres a sentirem necessidade de trabalhar.

Desempenhando actividades remuneradas, estes jovens podem dispor de algum dinheiro, o que lhes permite adquirir alguns dos bens de consumo ambicionados, nomeadamente telemóvel e roupa, embora todos os rapazes tenham atribuído grande importância ao automóvel cuja posse é sinónima de mobilidade social ascendente. Para além disso, contribuindo monetariamente para o rendimento familiar, obtêm da parte dos pais, de escassos recursos, um tratamento mais prestigioso.

Em: *Investigar, Avaliar, Descentralizar* – Actas do X Congresso da SPCE (CdRom). Pasta9_Coms_AT5_Cidadania_Igualdade_Justica_em_Educacao. Mesa 40- Género e Ética – Comunicação nº 11. Organização de: Ferreira, Henrique; Sofia Bergano, Graça Santos e Carla Lima. Bragança: SPCE e ESE/IPB, 2009

Embora os projectos dos rapazes para o futuro não mencionem o casamento, têm em comum o facto de todos ambicionarem ser jogadores de futebol. No entanto, conscientes de que este sonho dificilmente se concretizará, os seus propósitos passam sobretudo pelo trabalho na construção civil ou em bares e restaurantes. Quanto às raparigas, o futuro ambicionado decorre do facto de terem casa própria, casarem e terem filhos, situação que lhes confere um estatuto social respeitável.

Embora a explicação para o predomínio feminino no meio académico possa ser eventualmente encontrada na conjunção de factores genéticos, sociais, económicos, culturais e mesmo ambientais, esta supremacia das raparigas face ao sucesso escolar não deixou de se constituir como uma realidade presente e objectiva no panorama educativo dos anos em estudo.

Face a estas constatações, podemos concluir que a confluência de factores genéticos, económicos, culturais, sociais e ambientais, influencia de forma mais significativa os rapazes, pelo que não é de estranhar que o insucesso e o abandono escolar se assumam cada vez mais como fenómenos predominantemente masculinos.

Bibliografia

Antunes, José Joaquim, (1989). "Os Abandonos Escolares no Ensino Básico" pp. 95-132 in *O Ensino Básico Em Portugal,* Porto: Edições ASA.

Baudelot**,** Christian & Estabelet**,** Roger, (s.d.). *Allez Les Filles*, Paris: Seuil.

Benavente, Ana, et al., (1994). *Renunciar à Escola - O Abandono Escolar no Ensino Básico,* Lisboa: Fim De Século Edições.

Bento, António, (2005, Dezembro, 7). *Efeitos das Transições de Ciclo e Mudanças de Escola: Perspectivas dos alunos do 5º ano (2º Ciclo)* in I Colóquio DCE-UMa, Funchal.

Carvalho**,** Angelina, (1998). *Da Escola ao Mundo do Trabalho*, Lisboa: I.I.E.

DEP / GEF, (1995). *A Luta Contra o Insucesso Escolar: Um Desafio Para a Construção Europeia,* Lisboa: Eurydice.

Fernandes**,** João Viegas, (1987). *A Escola e a Desigualdade Sexual,* Lisboa: Livros Horizonte.

Ferreira Ana Maria Monteiro, (2002). *Desigualdades de Género no Actual Sistema Educativo Português,* Coimbra: Quarteto.

GEP / ME, (1992). *Insucesso e Abandono Escolar*, Lisboa: Ministério da Educação.

Grácio, Sérgio, (1997). *Dinâmicas da Escolarização e das Oportunidades Individuais*, Lisboa: EDUCA.

Em: *Investigar, Avaliar, Descentralizar* – Actas do X Congresso da SPCE (CdRom). Pasta9_Coms_AT5_Cidadania_Igualdade_Justica_em_Educacao. Mesa 40- Género e Ética – Comunicação nº 11. Organização de: Ferreira, Henrique; Sofia Bergano, Graça Santos e Carla Lima. Bragança: SPCE e ESE/IPB, 2009

Iturra, Raul, (1990). *Fugirás à Escola para Trabalhar a Terra – Ensaios de Antropologia Social Sobre o Insucesso Escolar*, Lisboa: Escher.

Macmillan, Bonnie, (2005). *Porque São Diferentes os Rapazes*, Lisboa: Plátano Editora.

Mendonça, Alice, (2008). *Era Uma Vez …A reforma Educativa dos Adultos* in Mendonça, Alice & Bento, António V. (org) *Educação em Tempo de Mudança,* CIE-Uma, Funchal: Grafimadeira, pp. 21-30.

Mendonça, Alice, (2009). O Insucesso Escolar : Políticas Educativas e Práticas Sociais – um Estudo de Caso Sobre o Arquipélago da Madeira, Lisboa: Edições Pedago.

Mendonça, Alice, (2007). *Sucesso/Insucesso: Percursos da Organização Escolar* in Sousa, Jesus & Fino, Carlos, *A Escola Sob Suspeita,* Porto: Edições Asa, pp.397-414.

Nogueira, Maria Alice, et al., (org.). (2000). *Família & Escola - Trajetórias de Escolarização em Camadas Médias e Populares*, Petrópolis: Editora Vozes.

Paquin**,** Anne & Parent, Ghyslain, (1994)." Inquérito Junto dos «Desertores» Sobre as Razões do Seu Abandono Escolar " vol. XX, nº 4, pp. 697-718 in *Revue des Sciences de L' Éducation.*

PEPT 2000,(1995). *Caracterização Regional dos Factores de Abandono e Insucesso Escolar nos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico*, Lisboa: Ministério da Educação.

Pinto, Graça Alves, (1998). *O Trabalho das Crianças - De Pequenino é Que se Torce o Pepino (e* o Destino), Oeiras: Celta Editora.

(PIRLS)*,* Mullis, I.; Martin, M.; Gonzalez, E.; Kennedy, A.(orgs.). (2003). *PIRLS Internacional Report: IEA's Study of Reading Literacy Achievement in Primary Schools,* MA: Chestnyt Hill, Boston College.

Relatório do Desenvolvimento Humano (1994 - 2000). PNUD, Lisboa: Trinova Editora.

Rolla, Jorge Silva, (1994). *Do Acesso Ao (In)Sucesso - A questão das (Des)Igualdades,* Cadernos Correio Pedagógico, nº 24, Porto: Edições ASA.

Seabra**,** Teresa, (1999). *Educação nas Famílias - Etnicidade e Classes Sociais,* Temas de Investigação 9, Lisboa: Ministério da Educação, I. I. E..

Silva, Cristina Gomes da, (1999). *Escolhas Escolares, Heranças Sociais,* Oeiras: Celta Editora.

Stoer, Stephen ; Araújo, Helena C.,(2000). *Escola e Aprendizagem Para o Trabalho Num País da (Semi)Periferia Europeia*, 2ª ed., Lisboa: I.I.E..

Toscano Moema, (2000). *Estereótipos Sexuais na Educação,* Petrópoles: Editora Vozes.

UNESCO, *Literacy Skills for the Word of Tomorrow- Further Results from PISA 2000,* (2003). Paris, France: Institute for Statistics, OECD Publications.

FONTES

Direcção Regional de Estatística:

XIII Recenseamento Geral da População, I.N.E., Lisboa, 1991.

XIV Recenseamento Geral da População, I.N.E., Lisboa, 2001.

Direcção Geral de Planeamento e Recursos Educativos:

● Relatórios de Insucesso (1994-2000)

Em: *Investigar, Avaliar, Descentralizar* – Actas do X Congresso da SPCE (CdRom). Pasta9_Coms_AT5_Cidadania_Igualdade_Justica_em_Educacao. Mesa 40- Género e Ética – Comunicação nº 11. Organização de: Ferreira, Henrique; Sofia Bergano, Graça Santos e Carla Lima. Bragança: SPCE e ESE/IPB, 2009